

Crónica verdadeira da língua portuguesa

“A língua portuguesa é um troféu de guerra”
Luandino Vieira

A poetisa portuguesa
Sophia de Mello Breyner
gostava de saborear
uma a uma
todas as sílabas
do português do Brasil.

Estou a vê-la:
suave e discreta,
debruçada sobre a varanda do tempo,
o olhar estendendo-se com o mar
e a memória,
deliciando-se comovida
com o sol despidorado
ardendo
nas vogais abertas da língua,
violentando com doçura
os surdos limites
das consoantes
e ampliando-os
para lá da História.

Mas saberia ela
quem rasgou esses limites,
com o seu sangue,
a sua resistência
e a sua música?

A libertação da língua portuguesa
foi gerada nos porões
dos navios negreiros
pelos homens sofridos que,
estranhamente,
nunca deixaram de cantar,
em todas as línguas que conheciam
ou criaram
durante a tenebrosa travessia
do mar sem fim.

Desde o nosso encontro inicial,
essa língua, arrogante e
insensatamente,
foi usada contra nós:
mas nós derrotámo-la
e fizemos dela
um instrumento
para a nossa própria liberdade.

Os antigos donos da língua
pensaram, durante séculos,
que nos apagaríamos da sua culpada consciência
com o seu idioma brutal,
duro,
fechado sobre si mesmo,
como se nele quisessem encerrar
para todo o sempre
os inacreditáveis mundos
que se abriam à sua frente.

Esses mundos, porém,
eram demasiado vastos
para caberem nessa língua envergonhada
e esquizofrénica.

Era preciso traçar-lhe
novos horizontes...

Primeiro, então, abrimos
de par em par
as camadas dessa língua
e iluminámo-la com a nossa dor;
depois demos-lhe vida
com a nossa alegria
e os nossos ritmos.

Nós libertámos a língua portuguesa
das amarras da opressão.

Por isso, hoje,
podemos falar todos
uns com os outros,
nessa nova língua
aberta, ensolarada e sem pecado
que a poetisa portuguesa
Sophia de Mello Breyner
julgou ter descoberto
no Brasil,
mas que um poeta angolano
reivindica
como um troféu de luta,
identidade
e criação.

João Melo
2009



“Primeiro, então,
abrimos
de par em par
as camadas dessa
língua
e iluminámo-la com
a nossa dor;
depois demos-lhe
vida
com a nossa alegria
e os nossos ritmos.”



DENOMINADO AKI

Jovens criam software para pagamento de serviços

Diferente dos softwares já existentes no mercado nacional, o AKI permite ao cidadão não bancarizado realizar operações de pagamento a partir de um telefone básico

DR



César Esteves

Denivaldo Neto, Alípio João, Rodolfo Sousa e Dinameni Marques conheceram-se na empresa privada de telefonia móvel Movitel, onde trabalhavam. O tempo de convívio e o interesse pelo mundo das telecomunicações levou-os a identificar a inexistência, no mercado angolano, de um serviço pontual, já implementado em realidades não muito diferentes da nossa, como é o caso,

por exemplo, de Moçambique.

Tratava-se de uma solução que fosse capaz de permitir aos cidadãos, sem conta bancária, efectuar pagamentos de serviços a partir mesmo de um telefone, tal como já o fazem aqueles que têm uma conta bancária.

O interesse de trabalhar neste projecto resultou do facto de os mesmos acharem que os softwares, até aqui criados para pagamentos de serviços a partir de um telefone, serem discriminatórios

para com os cidadãos sem uma conta bancária.

“Quantas pessoas, no nosso país, é que têm uma conta bancária? Somos poucos. Segundo os últimos dados do Banco Central, não passam de 31 por cento”, defende um deles.

Outra situação que também inquietou os jovens, cuja média de idade ronda os 35 anos, foi o facto de terem verificado, em algumas províncias, cidadãos a percorrerem longas distâncias para carregar o telefone.

“Ainda temos áreas no país, so-

bretudo as recônditas, em que o soba é que tem o telemóvel da aldeia, e, para o carregar, tem de se deslocar até ao centro da cidade ou ao município sede, porque as operadoras de telefonia móvel não criaram nas suas zonas condições que os permitisse realizar tal operação”, salientam.

Essas insuficiências no sector das telecomunicações levaram os jovens, formados em Engenharia Informática, a abdicar das noites bem dormidas para abraçar longas

horas de trabalho árduo, para criar o software.

Como fazer com que as pessoas sem uma conta bancária consigam, também, efectuar pagamentos a partir de um telefone? Era essa a pergunta que martelava os neurónios dos jovens.

Aliado a isto, estava igualmente o facto de a maioria dos cidadãos sem uma conta bancária não possuir registo civil, uma questão bastante valorizada pela banca, quando se trata de abertura de conta.

“Para lembrarem que ele estará sempre aí”



Denivaldo Neto, o CEO do projecto, explicou ao *Jornal de Angola* que os bancos obedecem a normas que os permite relacionarem-se entre si e com as diversas instituições, não só nacionais como internacionais.

Na nossa realidade, prosseguiu, essas regras quase que excluem a maior parte da população por não ter registo civil. “Ou seja, não são só os bancos, mas o próprio sistema financeiro que temos”, salientou.

Para contornar tudo isto e aliviar a vida dos cidadãos nesta condição, resolveram então criar um sistema que fosse capaz de trazer uma solução concreta.

Inicialmente, a ideia era só desenvolver um software que permitisse às pessoas sem uma conta bancária efectuar pagamentos a partir de um telefone. Mas, durante o processo de concepção do programa, apareceu na mente dos jovens um outro grupo de cidadãos que não iria beneficiar da invenção. Eram aqueles que não dispõem de um smartphone.

Um smartphone -palavra inglesa que em português significa telefone inteligente- é, segundo dados informáticos, um telemóvel que combina recursos de computador pessoal com funcionalidades

avanzadas que podem ser entendidas por meio de programas - aplicativos - executados pelo seu sistema operacional.

Um smartphone tem características mínimas de hardware e software, sendo as principais a capacidade de conexão com redes de dados para acesso à internet, a capacidade de sincronização dos dados do organizador com um computador pessoal, e uma agenda de contatos que pode utilizar toda a memória disponível do celular, que pode ser interna ou externa.

Esta nova preocupação obrigou os jovens a alargar as funcionalidades do software. “Decidimos que devíamos criar um sistema que fosse para todos, que não excluísse ninguém. Nem os que têm smartphone, nem os que têm os telefones mais simples”, realçou Alípio João.

Ao apontar os telefones simples, Alípio João, referia-se àqueles vulgarmente chamados “de botão”.

Depois de muito trabalho, finalmente a alegria no rosto dos jovens. O projecto estava concluído. Recebeu o nome de “AKI”.

“Escolhemos o nome ‘AKI’ por ser fácil de pronunciar e, também, para que as pessoas se lembrem que ele estará sempre aí, bem próximo delas, para ser utilizado”, aclarou Alípio.

Serviços disponíveis no AKI

A partir deste software, segundo os inventores, o usuário pode, entre outros serviços, carregar o telefone, o sinal de televisão, pagar a água e a energia e fazer as compras do dia-a-dia. “Definimos o AKI como um sistema de pagamento para ser usado de Cabinda ao Cunene”, garantiram. O programa foi lançado, oficialmente, em Janeiro do ano passado.

Actualmente, estão já disponíveis no sistema as operadoras Movicel e Unitel, bem como a ZAP e a DSTV. E ainda a Net One.

Neste momento, estão em fase, muito terminal, de disponibilizar também os serviços da ENDE, o que vai permitir aos usuários fazerem a compra de energia eléctrica.

O serviço da EPAL ainda não está disponível. Os inventores garantiram ter feito já contactos com os responsáveis desta empresa, mas estes ainda não se pronunciaram positivamente. “Conseguimos fazer uma integração com a EPAL. Fizemos testes, mas, de repente, o projecto parou, até hoje”, salientaram.

Apesar disso, continuam a bater a porta da EPAL, na certeza de que, um dia, o impasse será ultrapassado. Os jovens garantiram que há já na plataforma sete serviços de seguros.

Os criadores da plataforma começaram, desde o ano passado, a tratar da segunda fase do AKI, que consiste em fazer dele não só uma plataforma de pagamento de serviços, mas, também, um facilitador de pagamentos e das entidades financeiras.

O AKI é uma das empresas apuradas pelo Banco Nacional de Angola (BNA), no ano passado, para fazer parte do primeiro lote de startups viradas para a vertente financeira e que disponibilizam tecnologias à volta de serviços financeiros.

“Fomos apurados e estamos, desde então, a trabalhar com o Banco Nacional de Angola, dentro do projecto denominado LISPA”, disse Alípio João.

Por terem sido seleccionados para este projecto, estão a receber aulas, para conseguirem, até ao princípio do próximo ano, estar em condições de, com todas as bases criadas, fazer parte das empresas capacitadas para fazer transacções financeiras no mercado angolano.

Até a semana passada o aplicativo AKI já tinha cerca de 7500 utilizadores. A plataforma já gerou cinco empregos directos e 550 indirectos, a nível nacional. Os responsáveis da startup procuram, neste momento, preencher mais duas vagas directas. A inscrição na plataforma é gratuita.



AO VIVO NAS PLATAFORMAS DIGITAIS

Artistas adoptam novo conceito de espectáculos

Por causa do confinamento social imposto pelo Estado de Emergência e das restrições, a nível global, causadas pela covid-19, muitos são os artistas e promotores culturais que têm apostado nas transmissões ao vivo nas plataformas digitais Youtube, Instagram e Facebook. Diante desse cenário, num país onde o fornecimento de água e de outros serviços básicos é deficitário, o *Jornal de Angola*, atento ao fenómeno, falou com alguns artistas e promotores culturais. Na última terça-feira, Adriano Mixinge, na sua coluna “Na Alva das Ideias”, neste jornal, até parece que esteve connosco numa reunião de pauta ao publicar o texto “A festa da nova normalidade”, que pode servir como editorial para este exercício

FERNANDO CAMILO | EDIÇÕES NOVEMBRO



Analtino Santos

Os artistas, neste momento, ao proporcionarem conteúdos de entretenimento nas suas redes sociais, contribuem para amenizar os rigores do confinamento para aqueles cidadãos conscienciosos, que, realmente, levam a sério a advertência “Fique em Casa”. Fora do meio artístico é notória a aposta de algumas instituições, com destaque para o Centro de Imprensa Aníbal de Melo e o Clube Desportivo 1º de Agosto, bem como de alguns políticos e figuras públicas, nos talk-shows, improvisados ou estruturados, com conteúdos que vão do interesse público aos mais fúteis.

Alguns factos ajudam a ter um olhar mais realista da espontaneidade e das mo-

tivações dos lives. Yola Semedo, de acordo com o portal Carga, no início da febre dos lives locais, afirmou no programa televisivo “A Sua Manhã” que não estava muito motivada para aderir à onda. Reconheceu as dificuldades que muitos atravessam, e, segundo disse, caso tivesse um contrato com rendimento pelas visualizações, entraria na onda para ajudar em causas solidárias. Numa das últimas edições do *Jornal de Angola* ficamos a saber que a cantora Telma Lee está a avaliar, com a sua equipa de produção, as condições para a realização de um live.

Matias Damásio, com o seu live transmitido pela TPA, no domingo passado, com várias marcas associadas à iniciativa filantrópica, angariou uma quantidade considerável de cestas básicas.

Esta apresentação, assim como as de Anselmo Ralph, Ary, Edmazia e outros artistas, podem ajudar a compreender este “novo normal” no entretenimento mundial e, muito particularmente, no “showbiz mwangolé”.

Fuckin’Globo

Não há outro evento que mais se tenha ressentido com a entrada em vigor das medidas de confinamento como o Fuckin’Globo, inaugurado precisamente no dia anterior à entrada em vigor dessas medidas, no dia 19 de Março. O colectivo Fuckin’Globo, depois da abertura da 6ª edição já com algumas medidas restritivas, suspendeu o evento no dia seguinte. Com a curadoria de Adriano Mixinge e Tila Likunzi, participaram nesta edição 18 artistas: Toy Boy, Kiluanji Kia Henda, Thó

Simões, Lola Keyezua, Orlando Sérgio, Daniela Vieitas, Ery e Evan Claver, Mwamby Wassaby, Indira Grandê, Verkron, Mussunda Nzombo, Kapela, Iris Buchholz Chocolate, Yola Balanga, Flávio Cardoso, Rui Magalhães e Pedro Pires.

Verónica Pereira, assessora de imprensa, justificou desta forma a migração do evento para a Internet: “estas iniciativas multiplicaram-se nos últimos dias, no fundo o desejo de alcançar o outro não morre e, ainda que à distância, toca-se com música, poesia, fotografia, performance, mas também, se descobre o autor e o que dá força à pincelada do artista. Descobrimo-lo na intimidade, fora das galerias, desprovido do brilho, olhares e aplausos das multidões que agora fazem-se presentes no decorrer

dos lives e concertos online. Talvez mais honestas ou não. Diga-se que permanece a assistir quem gosta ou tem interesse. Manifesta-se por mensagens quem se quer mostrar ou quem genuinamente admira e apoia a arte e o artista. Este mecanismo, por ser muito mais desafiante para o artista que agora debate-se com um cenário expositivo restrito, é problemático por requer um processo de adaptação que pode transformar substancialmente a obra”.

O colectivo organizador assumiu a experiência online a partir do dia 12 de Abril. Não se propôs adaptar o seu conceito, mas “expandir a ideia de penetração da arte em espaços tão íntimos como de um quarto de hotel, chegando agora, muito mais perto de uma espécie de vo-

yeurismo online colectivo que desnuda o artista perante Angola e o mundo. Durante os mesmos os artistas falam de si, o que fazem e como são dentro e fora do colectivo. Apostam numa conversa solta, desestruturada, sem freio nem fio e discorrem segundo a lógica de quem, no momento, assume o discurso, com ou sem sinal de Internet”.

O Fuckin’Globo, fiel ao lema “From the people to the people... Fuck institutions”, não pretende fugir à liberdade criativa dos artistas e ao compromisso e diálogo com as realidades sociais, políticas, históricas e culturais. Os lives no whatsapp estender-se-ão até Julho, com a presença de todos os participantes desta edição em performance ou conversa.

“Não vejo churrascarias a oferecer churrascos”

A produtora Zona Jovem talvez tenha sido das mais penalizadas, ao ter de cancelar um dos concertos mais aguardados da sua programação, o Reencontro das Gingas. Depois da apresentação online, no dia 22 de Março, Figueira Ginga, o líder da produtora, disse o seguinte: “fomos os primeiros, mas ainda assim tivemos uma boa audiência, acho que mais de 5000 visualizações, entre Facebook e Instagram, apesar de não divulgarmos com antecedência”. E acrescentou: “estes formatos online serão válidos se adaptados a outros factores que possam ser mais-valia para os músicos, tal como a compensação financeira. Os músicos vivem do seu trabalho. Neste momento, acho certo fazer um ou outro directo, mas que façam disto o dia-a-dia, sem retorno financeiro, não concordo. É importante analisar o propósito dos concertos e dosear. Não vejo neste momento churrascarias a oferecerem churrascos, então é preciso valorizar o produto e cada um usá-lo em função dos seus propósitos”. Quanto

à preparação das fornecedoras dos serviços de Internet e à legislação, Figueira Ginga posicionou-se desta forma: “as empresas até podem estar preparadas, mas a legislação é uma situação permanente. Acho que o veículo é interessante, mas carece ainda de alguma estrada para trilhar. Para que ninguém saia a perder, é importante dizer que música/ arte é profissão de muitos, logo, é preciso cuidado e atenção, sem falar dos serviços acoplados a um show, como som, iluminação, cenografia... Penso que é cedo para falarmos sobre isto, porque carece de um estudo profundo e de uma gestão de planificação”. Muito atento ao fenómeno emergente, Figueira Ginga disse mais: “neste momento, fazer um live, dependendo do propósito, tem a vantagem de poder alcançar mais audiência que o show normal. A maior desvantagem é a disponibilização de um produto que depois não terá o devido retorno para o músico, caso não estejam as condições criadas para tal. Os custos de produção e as

contrapartidas sempre dependem do formato. Os custos de produção poderiam até ser um pouco mais baixos, mas pergunto: se fossem pagos estes lives directamente, teriam a mesma audiência? Outra pergunta: não sendo pagos, mas garantindo a audiência que têm, estariam estas provedoras dispostas a pagar os produtos culturais? Os actuais patrocinadores estariam dispostos a continuar com a alteração do formato?”.

Atenção deficitária à cultura

Euclides da Lomba mostrou-se surpreendido com a audiência de 3000 seguidores que teve num dos seus lives, que superou as previsões iniciais. Começou por justificar a sua motivação para “embarcar” neste formato: “a adesão foi sugestão do meu filho, marcamos e pronto. Não tive contacto com qualquer empresa. Quanto à legislação, esta existe, só que não funciona no seu todo, por falta de implementação e fiscalização. Quanto às vantagens, são muitas.

Permite dar a conhecer o trabalho do artista adequando-o às novas tecnologias, e isto já está em voga pelo mundo todo. Praticamente, a produção de um CD não tem a mesma capacidade de distribuição, a nível do mundo”.

Dalomba, um dos grandes românticos da música angolana, realçou que os profissionais estão sozinhos a sustentar a carreira musical. “Ser artista em Angola ainda é caríssimo, não temos editoras, produtoras, nem distribuidoras. Os custos são elevados, incluindo de transporte, recurso aos serviços de despachantes para desalfandegamento, ou seja, teremos que rever as políticas culturais em benefício dos artistas, fazedores e criadores de arte, e, sobretudo, permitir o acesso da população à cultura. Preservação e conservação da cultura é um direito e obrigação do Estado”.

Dalomba concluiu o seu depoimento afirmando que “este período de emergência põe à mostra a deficitária atenção prestada à cultura e às artes em Angola”.



Provedoras de Internet na contramão

Agnelo Henriques tem trabalhado com a cantora Ary, que, depois do concerto do dia 17 de Abril, repetiu a proeza uma semana depois. Os lives serviram para angariar fundos para o Lar de Idosos do Beiral e outras pessoas necessitadas.

Agnelo Henriques, que tem agenciado outras figuras de peso do showbiz angolano, também deu o seu ponto de vista sobre os lives feitos por artistas. “As empresas provedoras de Internet, creio eu, foram apanhadas na contramão”.

Disse ainda que “a falta de legislação abrangente no ramo das tecnologias e da inovação deixa-nos inseguros”.

Festa do afro-house

Os lives também chegaram aos amantes de música electrónica. Mas os internautas aguardaram quase duas horas para receberem o sinal do Mix FM com a qualidade aceitável. Este atraso prova a actual vulnerabilidade dos serviços de Internet. Mas nem isso esfriou o ânimo dos Djs Ricardo Alves e Paulo Alves, que celebraram os seus 25 anos de actividade com uma maratona de 25 horas de música afro-house. Alteraram a festa “física” do Mix FM, que estava agendada para o dia 25 de Abril, para uma versão online. Os irmãos gostaram da experiência e deixam em aberto a possibilidade de outras iniciativas..

Ainda na ressaca do feedback dos seguidores que não estão em Angola, falaram de alguns “mecanismos” usados pelas plataformas, para salvaguardar os direitos autorais. A diminuição da qualidade, depois de um determinado tempo, caso os usuários não paguem e outras medidas de controlo das músicas tocadas, são alguns detalhes que, segundo eles, devem ser avaliados para evitar problemas legais. O que vem confirmar que a gratuidade é sempre relativa.

Momentos extraordinários

Otaniel Silva, da Mano a Mano, um dos mentores do Conjunto Angola 70, apesar de distante de Angola (está neste

momento na Holanda) tem acompanhado e apoiado algumas actividades por cá, como o concerto online de Hélder Mendes no auditório Wyza, da Fundação Arte e Cultura. Otaniel foi peremptório ao afirmar que “ninguém estava preparado para isto. Na história da humanidade nunca ocorreu algo do género. Quem afirmar que estava preparado está a enganar-nos e também a si próprio”, disse.

O activista cultural realçou que “é importante revermos as nossas prioridades”, num contexto em que “estamos a ver a importância dos trabalhadores da saúde, do pessoal da limpeza, bombeiros, professores... profis-

sões a que até agora não era dada a devida atenção”. Questionou como seria ficar em casa sem um livro, um filme, sem ouvir música, sem arte. “Penso que, neste momento, a cultura demonstra a sua importância na sociedade e é tempo de revermos as nossas prioridades”.

Quanto à legislação, afirmou que “ela faz-se”, mas, frisou, “falem com quem está no terreno, porque os projectos feitos de cima para baixo só criam problemas, logo, não funcionam. Se a tua casa tem motobomba e gerador, nunca vais criar leis para beneficiar quem não tem”. Já mais positivo, acrescentou que “é momento de sermos criativos”, exempli-

ficando que sempre fez as coisas, com ou sem dinheiro. “Quando tenho, pago e quando não tenho abro o jogo. Tudo depende do evento e do grupo alvo. Os custos dependem do que pretendemos oferecer”.

Reconheceu que já existem eventos, pagos ou gratuitos, onde se pedem doações. E finalizou do seguinte modo: “uma coisa é verdade, estamos a viver momentos extraordinários”.

A Mano a Mano prepara na Holanda o Africadelic, festival que começou em Luanda. Este ano não acontece de forma virtual e a data de realização, com estrelas angolanas, de África e da América no cartaz, mantém-se: 25 de Maio.

Em respeito ao confinamento

São muitas as estrelas e produtoras nacionais que estão a reinventar-se para enfrentar o confinamento social imposto pela pandemia da Covid-19. Um dos concertos mais acessados foi o de Paulo Flores, que aproveitou o 4 de Abril, Dia da Paz e Reconciliação Nacional, para o seu primeiro “ao vivo” a partir de casa.

No passado fim-de-semana aconteceu o Festival Kubiko Solidário, que reuniu artistas nacionais e estrangeiros. Kizua Gourgel, Walter Ananaz, Ângelo Boss e Dom Kikas fizeram parte da lista, que não é pequena.

O Festival no Kubico aconteceu na primeira semana do confinamento e artistas como Puto Português, Filho do Zua, Gerilson Insrael, Pérola, Preto Show e outros fizeram parte do cartaz. Iniciativas como Eu Fico no Kubiko, da Unitel, na sua plataforma Kisom, têm feito a sua parte, priorizando artistas da nova geração. A Fundação Arte e

Cultura, depois de ter feito com o músico Hélder Mendes, convidou Harby Jazz, Doutor Romeu, Totó ST, Dodó Miranda e o humorista Orlando Capata, aos quais juntou poesia e roda de leitura com Micro Profecia, Pedro Belgio, Adão Zina e Ismael Farinha.

Só gastos?

Se Figueira Ginga afirmou, acima, que nesta fase não tem visto churrascarias a oferecerem churrascos, nos últimos dias alguns artistas nacionais já vão colocando referências bancárias nos seus lives. É caso para dar como exemplo o Brasil, onde as visualizações dos lives rendem dinheiro e até existem intervalos de publicidade. Um outro facto. O live do DJ sul-africano Black Coffee arrecadou o equivalente a quatro milhões de kwanzas. O festival virtual “One World: Together At Home” (Um Mundo: Juntos em Casa) com a curadoria de Lady Gaga, em associação com a OMS,

teve um facturamento de 120 milhões de euros. O concerto aconteceu no dia 18 de Abril e reuniu gerações e estilos diferentes. Steve Wonder, Elton John, Paul McCartney, Andrea Bocelli, Celine Dion, Jennifer Lopez, Alicia Keys, John Legend, Burna Boy, Pharrell Williams, Chris Martin, Taylor Swift, Sam Smith, Usher, Adam Lambert, Common, e outros, foram os nomes sonantes que actuaram.

Enquadramento institucional

Tentamos, mas não conseguimos obter o pronunciamento dos ministérios das Telecomunicações, Tecnologias de Informação e Comunicação Social e do Ambiente, Turismo e Cultura. As respectivas áreas de comunicação institucional cederam-nos alguns contactos, mas estes alegaram não estar mandados, pois, segundo disseram, os referidos departamentos ministeriais “estão em fase de reestruturação”.



CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



HUMORISTA CALADO SHOW

Fazendo piada com a vida

Domingos Dionísio quando está em palco só tem um objectivo: prender a atenção do público do princípio ao fim do espectáculo. Aliás, ele, quando está diante de uma plateia, a exercer a tarefa que se propôs, e transformou na sua profissão, a de fazer rir as pessoas, deixa de ser o Domingos Dionísio para ser, na plenitude, o Calado Show

Isaquiél Cori

A **comédia**, essa arte cujo propósito é divertir, fazer rir, através do tratamento cómico de situações, costumes e personagens reais ou fictícios, exige do seu cultor além do necessário talento natural, uma preparação constante, permanente. E uma inquietude radical perante a vida.

Quando Calado Show está em palco até podemos pensar, inicialmente, que estamos diante de um actor que vai “vestindo” a roupa e interiorizando os personagens que interpreta, mas depois acabamos por ser vencidos pela constatação de que ele, o Calado Show, é verdadeiramente todos os personagens que glorifica ou ridiculariza, tal a força e a autenticidade como os anima. E outra coisa que espanta o que há anos seguem a carreira deste mestre da comédia é a sua energia inesgotável e a forma como associa à sua performance a dança, normalmente bastante vigorosa, e a música. Aliás, ele foi bailarino na fase inicial da sua carreira artística, e tem demonstrado, que, se o quisesse, bem poderia ter uma carreira como cantor de sucesso.

Impiedoso consigo mesmo, ele ri de si próprio, do seu aspecto físico, da sua careca de criação, da grande cabeça que ele carrega sobre o pescoço truncado... E quando um comediante se põe a rir, não importa do quê ou de quem, todo o mundo ri com ele. Rei da mímica, ele fala e faz rir com o olhar, as caretas, o movimento do corpo, tudo em doses exageradas. Em palco ele canta, dança, corre, pula... É a alegria em pessoa.

Piadas sobre casais

Calado Show preenche tempo apreciável dos seus espectáculos com piadas sobre casais, sogras, infidelidades... É uma parte que lhe rende imensos aplausos, com muita gente na plateia a rir até às lágrimas. Os casos ou exemplos

que ele apresenta são bastante comuns, resultam, aliás, de uma leitura por menorizada que faz dos costumes. Qualquer um sente que poderia ser o protagonista da história contada, quando já não chegou mesmo a vivenciá-la. E, no fundo no fundo, quando as pessoas se põem a chorar de tanto rir, estão a rir e a chorar de si mesmas, das suas misérias, das suas traições, das suas pequenas alegrias, das suas maldades íntimas. Ultimamente Calado Show, mais do que nunca consciente da sua influência sobre o público, faz questão de passar mensagens edificantes sobre a união familiar, contra a violência doméstica, pela valorização da mulher. E não se pense que ele se deixou enredar pelo politicamente correcto. Não tarda, ele lança um olhar panorâmico sobre a plateia e pergunta: “Aqui há crianças?”.

Lamentavelmente há pais que insistem em levar os filhos pequenos para os espectáculos do Calado Show, apesar das advertências que ele amiúde faz. É sabido que a comédia de palco alimenta-se muito com o obscuro, com o sexo. É por causa dessa parte inevitável, reservada para adultos, que os pais não deveriam levar as crianças. Porque sendo todo o espectáculo de comédia literalmente ridículo, acaba por ser tragicamente ridículo ver um pai ou uma mãe ao lado do filho pequeno a rir de cenas e situações que, em casa, reprova e desaconselha redondamente.

Mas o espectáculo ainda não acabou. Calado Show interioriza o personagem do ex-Presidente da República. Vestido a rigor, toma o lugar no púlpito, bem no centro do palco. Atira um olhar solene e abrange sobre a sala. Diz uma ou duas palavras de saudação e a sala quase desaba de tanto riso. O momento encerra uma enorme complexidade. Uma geral associação de ideias junta na cabeça de cada um a me-

mória de tempos políticos relativamente recentes, em que a figura representada teve um papel crucial, a realidade dos tempos de abertura política actualmente vividos, tudo isso potenciado, no sentido do riso, pela actuação magnífica deste mestre chamado Calado Show.

Temática diversificada

Está assim mais do que visto que a temática das piadas do mestre é diversificada. Esposas, esposos, sogras, chefes, figuras públicas, políticos, todos podem servir de matéria-prima. Ah! Iamo-nos esquecendo de um aspecto não menos importante da actuação de Calado Show: quem acompanha o artista ao longo dessas duas décadas da sua carreira sabe do terror que é chegar tarde à sala dos seus espectáculos, pois, de repente, pode ser alvo de uma piada improvisada. Ele é capaz de fazer, repentinamente, uma ponte entre a actuação que está a fazer com uma alusão ridícula, ou ridicularizante, à pessoa que chega tardiamente.

Outro aspecto da carreira de Calado Show é o espaço que dá em palco à actuação de músicos e bailarinos, alguns dos quais ainda pouco conhecidos. Ele próprio, no início da carreira artística, enquanto bailarino, fazia actuações de poucos minutos, quando convidado, nos espectáculos musicais. É daí, aliás, que vem o seu nome artístico. Calado ele puxou do seu avô; Show foi-lhe dado pelo apresentador de um espectáculo, rendido à sua forma de dançar.

O final dos espectáculos de Calado é uma apoteose, com o público completamente entregue, satisfeito, contente com a vida, a dar como muito bem empregue o dinheiro despendido na compra do bilhete de acesso e o tempo gasto. É então que Calado Show sai de cena, volta a ser Domingos Dionísio, mas só para ele mesmo, pois até os seus mais próximos não o conseguem enxergar senão como Calado Show.

Trabalho que cuia bué

Quando ainda bailarino, Calado Show começou a adestrar cães para alargar a sua fonte de sustento. E resultou, tanto como mais um meio de sobrevivência como pela satisfação de lidar, estreitamente, com indivíduos daquela espécie animal. “Foi maravilhoso”, garante ele. Hoje, com o pouco tempo que lhe sobra dos espectáculos e como parte do seu processo de criação, ele ainda dedica atenção aos cães. “Os cães são parte da minha vida. Gosto de cães”, afirma.

Não escapa, a quem assiste aos espectáculos de Calado Show, a enorme facilidade, pelo menos aparente, que tem de expressar sentimentos com o corpo. “Como bailarino já fazia caretas, com muito humor. Uso muito a expressão corporal, a expressão facial. Consigo fazer humor sem falar”, explica ele. E é verdade. Os trejeitos exageradíssimos conferem aos espectáculos de Calado Show uma dimensão plástica e visual que se perde completamente nas transmissões via rádio ou nas gravações áudio.

O humorista está consciente da impossibilidade de agradar a todos. De eventualmente ferir a susceptibilidade deste ou daquele. “Tento sempre melhorar, para não ferir o próximo. Mas no decorrer do nosso trabalho há sempre uma ou outra piada que não cai bem a alguns. Não é possível agradar a gregos e a troianos. O humor tem disso, mas sem maldade”. E isso decorre da própria definição de Calado Show a respeito da sua profissão: “o humor é o exagero da realidade e de como ela é satirizada para arrancar o sorriso nas pessoas. Sempre para a alegria das pessoas”.

Mas, enfim, há os efeitos colaterais. Enquanto uns sorriem outros choram. É a vida. No cômputo geral, vale o desabafo do humorista: “o meu trabalho cuia bué, ya. O meu trabalho é o melhor do mundo”.



Para se manter activo

Nessa fase do confinamento, Calado Show também adoptou os lives na Internet como forma de se manter activo e em contacto com os fãs. A plataforma em que ele actua a partir de casa é o Instagram, todas as quartas-feiras. Em perfeita analogia com as suas saudosas “Quartas Quentes” ele denominou essas intervenções como “Quartas Quentes Lives”.

“Felizmente estou a conseguir sair de casa virtualmente, todas as quartas-feiras, a partir das 21 horas”, revela, acrescentando que os seus lives “são dos mais vistos de Angola”. Lá faz sempre coisas inéditas, com base no momento actual, além de introduzir uma ou outra anedota do seu velho repertório, a pedido dos internautas.

O confinamento, na sua opinião, aguça a criatividade. “Vou buscar tudo, trabalho com tudo, com os momentos bons e maus. Já desenvolvi temas como o comportamento do marido com a mulher, dos pais com os filhos, da mulher que está a alimentar o marido para ele ficar bebudo depois da quarentena, dos maridos que estão a prometer, finalmente, casar com as respectivas esposas...”

Apesar dessa circunstancial adaptação ao formato virtual, a arte de Calado Show nutre-se mesmo é da presença física do público, que enriquece o seu processo de criação ao estimulá-lo a fazer improvisações.

“É mesmo uma adaptação, tanto é assim que depois da quarentena vou voltar ao formato físico. A vantagem dos lives é que a plateia virtual é mesmo global”. O artista já chegou a atingir, num dos seus lives, as 30 mil visualizações.

Calado Show, que se considera um “despertador de empatias”, afirma que os artistas, em todo o mundo, com os seus lives, estão numa cruzada contra a covid-19, contribuindo com a sua arte para amenizar os espíritos.

“O meu desejo é que todos nós saíamos dessa pandemia como pessoas muito melhores”, expressou.

1962 - 2020

Jimmy Rufino *in memoriam*

O poeta Jimmy Rufino sucumbiu, na última terça-feira, em Luanda, a um cancro que o apoquentava há alguns anos.

No final do ano passado chegou a registar melhorias no seu estado de saúde, depois da ajuda solidária dos seus colegas da União dos Escritores Angolanos, que lhe permitiu ser evacuado para assistência médica no exterior do país. Mas nos últimos meses, já em Luanda, o seu estado de saúde piorou inesperadamente. Foi a enterrar na sexta-feira, no cemitério da Sant'Ana. Jimmy Rufino deixa uma obra diversificada, a maior parte inédita. Publicou dois livros de poesia: "Kianda Kiá Ngola" (Chá de Caxinde, 2006) e "Egos da Karne" (UEA, 2014). Publicamos a seguir alguns poemas, colhidos de ambos os poemários, em jeito de homenagem à memória do poeta que tão prematuramente nos deixou

MENHA

Água...
Orgasma a húmida sede
Do sol como nós
Molha o lábio da voz
Bebe o pão da paz

Água...
Na água da poesia
Sem voz na foz igual
Vive o leito das fomes
Fecunda a sede do grito
Suculento da mão suada.

Água...
Sai pelo dia desaguado
De santas águas bentas
Benzendo as mães santas
Dum luto assim. Líquido.

Água...
Rega a semente da terra
Como o hálito ancião
De um dia despido
Da chuva que de sábia luz

Amores floriu...

MAIADO

Tenho cincostões pedrados
No apito bazeza do kangundo
Invento kimbembas de madiabos
Xinguilando na esteira do monangambé
Viro bucho virado. Sonho a Rebita
De entreluadas madrugadas
A acoitar kuêrras e kikemas
Se bangando nos mujimbos da zula
Onde se lanchonam sarrabulhos
Que o Závua ingredientou
De xapangas muzukazukas.
Tenho cincostões carecas
No debaixo da ponda do mar a bugiar
Kapretetes da banga paiada
Nas papaías do pão kamabuim
E as sereia da kunhunga
Se boatar antigos pai das mentira
Praguejosos na diguêza banal
Das nossas fomes kamabuins.

O RIO DA SAUDADE

Ao
Ti Raúl David.

Do vento da ganda
Ao tambor do chongorói
A kapunda grande do sonho
Irmanizou a promessa do kurikutelas
Que canoniza a jura da mãe
Irrigando cavacos de sóbrias luas
Ente pai nossos de chuvados
Dias d'ocultas mentiras
Seduzindo a anhara ingénua
Ajoelhada na paz madrastra
Dos anjos da aldeia órfã
Que te guarda o lugar
De pai guardião dos cánticos
Sapientes do dia que alimenta
A anhara do teu olhar solene
Ao pôr do sol sorrindo
O olhar daquela saudade ombaka
Que o rio nos espelha
As mãos da dor em vigília



FALSETE DE BAMBU

Kimbanda
Da Mutamba Despida
Mukôko de Palmeira Anciã
Assina a Sina da Esteira
Adia a Mutamba da Kalema
Saboreia a Muamba e o Maruvo
Do Sonho Banhando de Ecos
Nganza o Ngando do Dia
Adia a Tarimba da Mão
Nina a Menina Luanda
E o Kazumbi da Lua se Foi
Com o Kitombe da Manhã
Apaixonando Tetêmbuas

Com Bué De Verdade
Nos Dikanus à Nduta
Dos kibeus De verona...

SEM RAÇA

Este dia Sem Lógica
Na Periferia Deste Sorriso
Está Na misoginia de Paz
Lacrada pela Mão do Beijo
Divagando-se Honrados Enganos
Absolvidos Por Uma Razão
Xinguilada No Secreto Arco-Iris
De Um Mar Com a Bensanta
Miragem Da Nudez Amando
A Sua Sombra Sem Raças
Entre Os Ecuménicos Sorrisos
Eróticos Dibabelos
Duma Noite Adúltera
Afangando-se
Com A Morte